

EDITORIAL

Este número especial do Boletim GTPOS é uma amostra de tudo que tem sido feito no projeto *Orientação Sexual na Escola* que estamos desenvolvendo em parceria com a Secretaria da Educação da cidade de São Paulo.

O artigo “*Um projeto bem sucedido nas escolas da Rede Pública Municipal de São Paulo*” conta a história do projeto e localiza seus princípios gerais: a discussão de valores sem imposição, a postura de condutor de debates, a informação como fundamento mas sem ser suficiente, a metodologia participativa com a construção coletiva de conhecimento. Tudo balizado pelo respeito aos outros, à diversidade, à inclusão social e à democracia. Em “*Sexualidade e Currículo*”, aborda-se como a temática da sexualidade repercute dentro da estrutura da Secretaria da Educação.

No artigo “*Orientação Sexual nos Centros de Educação Infantil*” são apresentadas as atividades realizadas junto aos educadores deste nível de ensino apontando os desafios e os sucessos já obtidos. Já o texto “*Uma Experiência Criativa*” apresenta os sentimentos de uma supervisora e dos professores que vivem a implantação do projeto em EMEI(s).

No texto que discute como abordar temas polêmicos com adolescentes o autor também aponta como os professores têm pré-noções sobre adolescentes que não se confirmam no desenrolar do projeto.

O artigo “*Supervisão: Uma Aprendizagem*” trata da importância das reuniões semanais que possibilitam reflexão, trocas de experiência e solução coletiva e criativa de problemas.

Seguramente, por meio destes artigos pode-se ter uma visão da importância da implantação do projeto de Orientação Sexual nas escolas municipais de São Paulo. É um belo exemplo para todo o Brasil.

Silvio Duarte Bock
Membro fundador do GTPOS



PROJETO DE ORIENTAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA

BOLETIM INFORMATIVO ESPECIAL

AGOSTO DE 2004

Um projeto bem sucedido

Nas escolas da Rede Pública Municipal de São Paulo

por Antonio Carlos Egypto

2001, novo século: uma odisséia no tempo. Toma posse a nova administração municipal em São Paulo, o governo da reconstrução. É hora de buscar realizar os projetos que interessam à população. Ainda no primeiro ano da nova gestão, apresentei um projeto de Orientação Sexual na Escola, em nome do GTPOS. O trabalho interessava à Secretaria de Educação, seduzia e encantava as pessoas e tinha uma história de sucesso anterior, quando, de 1989 a 1992, um projeto similar fora concebido e executado pelo GTPOS.

O tempo passava e eu pensava com meus botões (e zíperes também, é claro) em

como deve ser difícil conhecer e administrar a maior Prefeitura do país, na máquina burocrática que pode inviabilizar trabalhos os mais consistentes, nas estruturas do Estado que são paquidérmicas e coisas que tais, quando veio a notícia. Mal havia começado o ano de

2003 e estava tudo certo. O projeto estava aprovado e agora era aprontar para começar o trabalho. Na verdade, o que eu estava aprontando mesmo eram as malas para as férias de verão, mas diante da nova situação, pus-me a campo imediatamente.

O cronograma do projeto, que previa três anos de trabalho, foi reduzido a dois e era preciso montar as

A extensão do projeto é grande, abrange toda a cidade

CONTINUA NA PÁG. 2

Um projeto bem sucedido nas escolas da Rede Pública Municipal de São Paulo**CONTINUAÇÃO DA CAPA**

equipes administrativas na Secretaria Municipal de Educação e no GTPOS, além de toda a “infra” necessária. E montar a equipe de formadores, que hoje conta com 33 profissionais. Tudo foi feito com muito empenho, as pessoas envolvidas acreditando muito na proposta e a Secretaria de Educação nos dando todo o apoio de que o projeto precisa.

A extensão do projeto é grande, abrange toda a cidade, dividida em 31 sub-prefeituras. A rede tem cerca de 1000 escolas e 300 creches diretas. E novas demandas surgiram com a inauguração dos CEU (Centros de Educação Unificados), que estão tornando a educação municipal mais atraente e mais azul. A ação é contínua, o ritmo, frenético. Como é mesmo a história do paquiderme? Bem, deixa prá lá.

E era preciso “ir aonde o povo está”, como cantava Milton Nascimento a respeito dos artistas. Ou seja, percorrer a cidade em todas as suas zonas e regiões fazendo cursos e supervisionando o trabalho dos professores, periodicamente (semanalmente, no caso do ensino fundamental e educação de jovens e adultos). E muitas palestras, reuniões e textos depois, aqui estamos completando um ano e meio de ações do projeto de Orientação Sexual na Escola. Felizes e realizados, apesar dos muitos problemas.

Afinal, estavam em andamento, em junho de 2004, 66 grupos de supervisão com 681 educadores de 459 unidades escolares. Esses educadores levam o projeto a cerca de 100.000 alunos. Já realizamos 99 cursos, a grande maioria com 24 horas de duração, que mobilizaram 2070 professores, auxiliares de desenvolvimento infantil e coordenadores pedagógicos de 1113 escolas e creches. Encontros temáticos, palestras, oficinas, reuniões gerais de pólo e congressos, onde a questão da sexualidade foi apresentada e discutida com mais de 7000 educadores, também aconteceram. Um farto e selecionadíssimo material didático distribuído às escolas dá forma e substância a esse trabalho. Um material didático original do projeto foi concebido para adolescentes e outro, para crianças, e chegará às escolas neste segundo semestre.

O que se busca com tudo isso e com a formação continuada que acontece ao longo do trabalho de supervisão é produzir reflexão e criatividade. E por meio dela gerar uma prática educativa inovadora e democrática, onde a problematização dos temas ocupa papel central.

A criatividade pode ser concebida como um processo histórico contínuo de mudanças que ocorrem na cultura pela ação dos diferentes grupos sociais. No pequeno espaço das nossas supervisões, o processo criativo pode ser percebido pela ótica do mundo interno das pessoas que estão se relacionando e na elaboração do trabalho pedagógico.

Na Orientação Sexual na Escola, lida-se com valores sem impô-los, o que não é tarefa fácil. A postura utilizada é a da condução de debates, onde a informação é elemento essencial mas não suficiente. Daí o uso de metodologia participativa, onde o conhecimento se constrói coletivamente. Verdades não são impostas, nem o professor assume posicionamentos diretivos. Ele tem como referência valores gerais, como o respeito ao outro, à diversidade, à inclusão social e à democracia. O que importa é o processo de construir conhecimentos e incorporar comportamentos e ações consistentes.

Este número especial do boletim dedicado ao projeto fala de nossas ações que vão dos bebês atendidos nos CEI – Centros de Educação Infantil (as creches) aos senhores e senhoras dos CIEJA – Centros Integrados de Educação de Jovens e Adultos, os mais velhos desses alunos já beirando a casa dos 80 anos de idade. Isso é que é abrangência, hein?

Os desafios são enormes, as carências também, e é preciso agir com constância e continuidade. O GTPOS abraçou essa causa com entusiasmo. Contou com a colaboração decidida de muitos educadores experientes, que trabalham com Orientação Sexual nas suas escolas há anos. E também com jovens talentos trazendo toda sua energia e sede de conhecimento ao projeto.

Sempre que a gente acredita muito numa coisa e se dedica a ela, acaba fazendo acontecer. Quem sabe faz a hora... lembra?

**Era preciso
“ir aonde o povo
está”**

Antonio Carlos Egypto é o coordenador geral e técnico do projeto de Orientação Sexual na Escola

Sexualidade e currículo

por Maria Cecília Carlini Macedo

Até pouco tempo atrás, se discutia se a sexualidade era um assunto para ser trabalhado no âmbito da escola. A partir de muito trabalho e de um processo de desbravamento de grupos de uma professora ou professor que acreditaram na importância de valorizar esta discussão, temos esta batalha praticamente vencida. Hoje, na Rede Municipal de Ensino da cidade de São Paulo, temos o projeto de Orientação Sexual inserido no cotidiano da escola e fazendo parte das discussões das salas dos professores e de reuniões pedagógicas.

O próximo passo é conquistar um espaço para a sexualidade no currículo, trabalhando estas questões nas diferentes áreas do conhecimento. Assim, o espaço específico da Orientação Sexual cresce e se potencializa.

Este processo contempla a política da Secretaria Municipal de Educação, que pensa a reorientação curricular como um caminho para a construção de uma educação emancipadora, que trata o conhecimento como um todo e é um veículo para a estruturação de São Paulo como cidade educadora.

ARTICULAÇÕES

O projeto de Orientação Sexual na Escola na Rede Municipal de Ensino criou na Secretaria de Educação um grupo para desenvolver a parte logística e organizacional das suas ações. O projeto trouxe inovações em todos aspectos, a começar pela parte burocrática, já que a formação em sexualidade é um processo contínuo. Os professores passam por um curso inicial e depois participam da supervisão durante todo o período de desenvolvimento do projeto, que nesta fase se estende até dezembro de 2004. Denominamos, então, a supervisão de “Complementação e Acompanhamento da Ação Pedagógica”, abrindo na Rede Municipal uma nova forma oficial de capacitação para educadores.

A sexualidade passou a fazer parte das discussões nas escolas, nas Coordenadorias de Educação, criando espaço para novas ações que envolveram a reflexão sobre o tema em diferentes aspectos e segmentos.

Um convite para a formação de parceria veio de Paulo Gonçalo, coordenador do Círculo

de Leituras da Secretaria Municipal de Educação, que trouxe a teoria de Paulo Freire para o trabalho com a diversidade sexual. Surgiu o *Círculo de Leitura para Transgêneros – Resgatando Histórias*, um espaço para que travestis e transexuais pudessem falar sobre cultura, recebendo a cada encontro a visita de autores, músicos e poetas. A idéia é dar direito a estas pessoas que, na maioria das vezes, foram expulsas da escola muito cedo por serem diferentes. Travestis foram ouvidas e participaram na estruturação desta ação, representadas por Cláudia Wonder.

O projeto de Orientação Sexual na Escola trabalhou com os *CIEJAs (Centros Integrados de Educação Para Jovens e Adultos)* na preparação desta atividade, num outro projeto, o *Mix Jovem*, e nas ações regulares de sexualidade na escola.

O *Mix Jovem* é um projeto em parceria com a Coordenadoria da Juventude e com a Ong Mix Brasil que atua no movimento pelos direitos dos homossexuais e transgêneros. A base desse trabalho foi o debate de filmes de curta metragem sobre diversidade sexual.

Os orientadores de salas de leitura participaram de trabalhos sobre a importância de disponibilizar para crianças e adolescentes livros e outros materiais que tratam da sexualidade.

O *Vamos Combinar?* criou uma parceria entre a Secretaria Municipal de Saúde e a de Educação, o projeto de Orientação Sexual na Escola e o projeto Vida. Trabalha a educação preventiva relacionada à DST/Aids e à redução de danos quanto ao uso indevido de drogas. Atua com adolescentes multiplicadores em ações de prevenção e organiza a disponibilização de camisinhas nas escolas de Ensino Fundamental, que se inscrevem livremente, projeto em parceria com o Ministério da Saúde.

E o que ainda está por vir: o projeto de *Sexualidade e Direitos Reprodutivos, Cinema e Sexualidade nos CEU, Semana de Gravidez na Adolescência 2004* e o lançamento mundial em São Paulo do *Esforço Global “Women and Aids”*. Mas isso a gente conta depois...

**A política
que abre
caminho para uma
educação
emancipadora**

**Maria Cecília
Carlini
Macedo é
coordenadora
do projeto de
Orientação
Sexual na
Escola, na
Secretaria de
Educação.**

Temas polêmicos da sexualidade e adolescência

por Jaime Duarte Júnior

As definições dos dicionários sempre abordam a adolescência como o intervalo de tempo da existência humana compreendido entre a infância e a idade adulta marcado por mudanças físicas e psicológicas profundas. As mudanças físicas por si só, já geram ansiedade e insegurança em boa parte dos adolescentes e associadas à busca de identidade produzem atitudes rebeldes, reivindicatórias, contestatórias. Lidar com essas individualidades em formação não é tarefa fácil para o universo “adulto”, mais especificamente, para pais e professores.

Criou-se até um termo depreciativo para designá-los: “aborrecentes”, ou seja, aqueles que aborrecem, que causam aborrecimentos. Para evitá-los os pais têm assumido uma postura permissiva, com limites pouco claros, deixando os adolescentes impotentes diante de meios de comunicação que, se por um lado democratizam informações, por outro impõem padrões de beleza, comportamento e consumo. Diante desse quadro, nós educadores devemos ter uma atitude de acolhimento, nunca de confronto. Devemos ser capazes de lembrar como foi esse processo de adolecer para nós mesmos e, apesar das diferenças de idades e de contextos históricos, veremos que, na essência, não foi muito diferente. Esse exercício nos aproxima dos adolescentes e permite que os auxiliemos a compreender e refletir sobre as mudanças que estão ocorrendo com eles e atingir o que considero nosso principal papel: ajudar na construção de personalidades mais críticas e solidárias.

Em um trabalho de orientação sexual com adolescentes devemos estar particularmente atentos ao abordarmos temas polêmicos, pois

estes mobilizam nas pessoas as mais diferentes reações e reflexões de acordo com suas experiências de vida. Essas vivências devem ser discutidas com o adolescente em sala de aula sem, contudo, dar respostas ou impor “verdades”, mesmo porque cada pessoa terá a sua própria. Assim a abordagem desses temas deve começar com sua problematização: levantamento de preconceitos, valores, posturas, informações a ele associados e, a partir disso, fomentar a discussão lançando mão de recursos que envolvam todo o grupo no debate. O nosso papel é basicamente o de mediador e o de observador.

Vamos exemplificar: para trabalhar um tema como a homossexualidade pode-se dramatizar diferentes situações veiculadas pela mídia: o assassinato de um homem por um grupo de jovens apenas por estar de mãos dadas com outro homem, a expulsão de um casal de homens ou mulheres de um shopping por terem trocado um beijo, o preconceito que se manifesta numa escola porque um adolescente se declara homossexual, ou qualquer outra situação que o grupo crie. Para tornar a vivência mais rica é sempre desejável que os papéis representados não sejam fixos, permitindo a troca de personagens.

Cada orientador sexual, na sua prática, deve buscar a técnica que mais se adapte aos seus grupos, levando-se em conta a realidade, as referências de cada escola/bairro/cidade. O importante é deixar o foco na reflexão, na discussão, na problematização.

Um relato de experiência que considero significativo: utilizei o jogo ANTES-DURANTE-DEPOIS para discutir gravidez na adolescência com um grupo de professores. Uma das dinâmicas propostas é a montagem de “sonhos de adolescentes”. Vários grupos tiveram muita dificuldade em montar os sonhos dos adolescentes, argumentando que eles estavam inseridos numa realidade tão dura que não sonhavam. Quando esses professores foram aplicar essa dinâmica com seus alunos, constataram que eles sonham sim e que seus sonhos eram bem variados. Quem não conseguia pensar em sonhos eram os professores! Creio que devemos tomar muito cuidado para não projetar nossas expectativas e desencantos sobre os adolescentes. Acredito que venham daí as dificuldades que temos em lidar com adolescentes. Eles não são “aborrecentes”, apenas são o que são: indivíduos em formação. Um abraço e ... boas polêmicas.

O importante é deixar o foco na reflexão

ADOLESCENTE:
adj. e s. 2g. 1. Que, ou quem, está na adolescência.
2. fig. Que está no começo, no início, que ainda não atingiu todo o vigor.

ADOLESCÊNCIA:
s. f. O período da vida humana que sucede à infância, começa com a puberdade e se caracteriza por uma série de mudanças corporais e psicológicas (estende-se aproximadamente dos 12 aos 20 anos).

ABORRECER:
V. t. d. Sentir horror a; abominar, detestar; causar aborrecimento a; desgostar, contrariar, enfadar; causar horror, aversão, tédio, enfado.

Dicionário Aurélio

Jaime Duarte Júnior é formador do projeto de Orientação Sexual na Escola junto às EMEFs (Escolas Municipais de Ensino Fundamental)

Supervisão: uma aprendizagem

por Célia Lourdes Amaral de Almeida

Em plena “happy-hour” da sexta-feira chegavam as professoras e professores, dispendo, talvez, da única noite “livre” da semana. O local: a sala de leitura da EMEF Shirley Guio.

Esta foi a rotina de agosto a dezembro de 2003. No início, nem todos sentiam-se prontos para dar início ao trabalho de Orientação Sexual em suas escolas. Mesmo tendo a vivência e a preparação do curso de formação, agora se tratava de “colocar a mão na massa”. E praticar algo novo sempre traz dificuldades. E a de Orientação Sexual em especial, porque lida com questões que provocam a emergência de tabus e resistências. Daí o receio quanto à recepção dos(as) colegas, a intranquilidade quanto à reação de pais e mães, a insegurança frente às possíveis reações de alunos e alunas.

“Na minha aula de Educação Física com a 3ª. Série, uma menina passando e os meninos disseram: Ai que gostosa!”. E a menina chorou. Ai juntei todo mundo e perguntei: “O que é gostoso? O que você quis dizer pra ela?” E a professora da sala já aos berros: “Ele sabe!” E o menino respondeu: “Gostosa pra mim é bonita”. E cada um foi falando o que achava. E foi uma conversa tão bonita! E desmistificou pra professora que tinha certeza que o menino disse aquilo com o mesmo sentimento de um adulto”.

Papel modesto, o nosso. Mas significativo: “A Coordenadora Pedagógica da escola me parou um dia no pátio e me disse: ‘Escuta aqui, professora: você não vai dar aulas de Orientação Sexual para aquelas 5ªs. e 6ªs. séries? Porque eu não agüento mais... um que fica se esfregando e passando a mão no outro!’”. Me cobrou forte! E eu disse pra ela: “Não, eu não vou dar aulas de Orientação Sexual pra eles, porque esse trabalho é muito sério e não pode ser uma coisa jogada, pra tapar buraco e pra quebrar-galho da escola. Me arruma um dia, um horário fixo, que eu me preparo e desenvolvo o trabalho”. Era uma necessidade, sim, daquelas salas. Mas eu senti que a sexualidade não era um assunto a ser tratado de qualquer maneira!”.

Assim, o desafio de fazer um trabalho consistente, sério, planejado. Idéias de aulas “diferentes”, dinâmicas foram surgindo e se

aperfeiçoando na supervisão e no cotidiano da sala-de-aula. E os professores remexendo armários, depósitos, porões, cantos e recantos de suas escolas. Não é que havia muito material “esquecido”?

Fitas de vídeo, painéis imantados, seios de silicone para ensinar auto-exame, bonecos... Uma “Família Colchete” encontrada em um porão, recebeu da professora uma “faxina” em regra e até ganhou roupas novas!

A cada novo encontro, o compartilhar das experiências:

◆ a receptividade dos alunos: “Foi dez com as minhas 4ªs. séries! Primeiro começamos falando do corpo como um todo, órgãos, músculos, articulações. Nada de nomes. Mas um reconhecimento, ir se percebendo. Depois fizemos o projeto dos bonecos. Construímos os bonecos. E aí chegamos na sexualidade. E a receptividade foi muito boa! Eles tinham muita curiosidade!”;

◆ o trabalho tendo visibilidade na escola: “A escola está fervilhando! Todo mundo fala de sexualidade: o diretor, os auxiliares de educação, os professores, os alunos! Saiu daquela coisa mistificada, que não se pode falar e passou a ser assunto da escola!”;

◆ o lançar-se a novos desafios: “Ouvi a professora de 2ª. Série falando: ‘Olha aquele menino. É gay. É um Bambi! Ai levei aquele livro **Menino brinca de boneca?**. Precisava ver as crianças discutindo, falando sobre as diferenças.! 2ª. Série! Foi a coisa mais linda! E a professora estava junto”.

Ao nos propormos a discutir a sexualidade e a discuti-la como uma experiência única, acolhendo e refletindo as múltiplas opiniões, problematizando e propiciando um espaço de elaboração do pensamento crítico, operamos transformações (em nós e em nosso grupo). E isso, com certeza, nos torna mais questionadores quanto à nossa própria atividade docente.

É este o nosso trabalho na Supervisão.

**A experiência
na Coordenadoria
Regional de Educação
Vila Maria –
Vila Guilherme**

Célia de Lourdes Amaral de Almeida é formadora do projeto de Orientação Sexual na Escola junto às EMEFs (Escolas Municipais de Ensino Fundamental)

Orientação Sexual nos Centros de Educação Infantil

por Maria Cecília Pereira da Silva

O Projeto de Orientação Sexual nos Centros de Educação Infantil – CEI, iniciou-se em agosto de 2003 a pedido das Coordenadorias da Educação e dos profissionais de CEI. Foram realizados cursos iniciais de 16 horas envolvendo 585 Professores de Desenvolvimento Infantil, Auxiliares de Desenvolvimento Infantil e Coordenadores Pedagógicos. Após o curso seguiram-se as supervisões de 2 horas mensais em 2003 e quinzenais em 2004, em 22 locais distintos da cidade. O entusiasmo, o interesse e a participação dos educadores de CEI nos surpreenderam com uma adesão plena à proposta do projeto.

Um questionário¹ aplicado no início do projeto revela dados interessantes: o perfil dos educadores de CEI caracteriza-se por mulheres na sua maioria acima dos 30 anos, com ensino médio completo e com muitos anos de experiência em educação de crianças de 3 a 6 anos.

Há um paradoxo: 80% das educadoras declararam que conhecem muito pouco sobre o tema sexualidade, sendo que 57% delas nunca participaram de nenhuma atividade relacionada à orientação sexual e se sentem pouco à vontade para lidar com temas da sexualidade. No entanto, quando perguntadas sobre como lidar com certas situações que envolvem a sexualidade, elas demonstraram que em seu cotidiano sabem lidar com estas situações. Será que se envergonham em declarar um conhecimento adquirido com a experiência de tantos anos? Ou será que não se dão conta do que sabem?

Existem, porém, dificuldades relatadas no questionário, como o desconforto com situações de masturbação infantil ou com a curiosidade das crianças em descobrir o sexo oposto.

A tendência das educadoras diante de um comportamento sexual com o qual não se sentem à vontade, é mudar de assunto, tomar como doença ou reprimir severamente. Talvez não relacionem esses comportamentos sexuais com a expressão da curiosidade e do brincar sexual infantís.

Com relação à questão de gênero, mostraram-se capazes de lidar com as diferenças.

Este projeto é um trabalho inédito para esses educadores. Estamos descobrindo que as educadoras têm um longo repertório com as crianças, mas falta-lhes formação teórica para nomear aquilo que elas têm como dados vivenciados na relação com os alunos. Durante as supervisões tem sido fundamental unir os dados obtidos de muitos anos de observação de crianças com as informações teóricas e científicas do desenvolvimento emocional e sexual infantís e, assim, possibilitar a reflexão. Quando dizemos que masturbar-se é inerente ao desenvolvimento da sexualidade abrimos a possibilidade de um outro olhar para a criança e garantimos que as educadoras não repitam automaticamente com seus alunos exatamente o que lhes foi ensinado. É como se esse projeto validasse aquilo que elas acompanharam mas não registraram como aprendizado.

As supervisões constroem um espaço reflexivo e favorecem a capacidade de observação e de intervenção na relação professor-aluno. A descoberta de que a sexualidade infantil e a curiosidade de aprender estão ligadas ampliou a concepção de educação. Além disso, os educadores vêm assumindo uma postura mais investigativa e reflexiva, deixando de esperar dos formadores uma receita pronta, para buscar construir junto com o grupo o conhecimento e a compreensão das manifestações sexuais das crianças.

Esse projeto também nos tem surpreendido com outros desdobramentos ligados à prevenção de dificuldades de aprendizagem e de problemas emocionais graves. A partir do relato das educadoras, é possível imaginar que certos comportamentos vão gerar dificuldades de concentração no ensino fundamental. Com um olhar mais aguçado e uma postura adequada, os educadores podem identificar e intervir precocemente diante dessas situações, favorecendo o desenvolvimento sadio das crianças.

¹ Elaborado e realizado pelo IDECA – Instituto de Desenvolvimento Educacional Cultural e de Ação Comunitária.

Um trabalho inédito na Secretaria Municipal de Educação da cidade de São Paulo

Maria Cecília Pereira da Silva é Coordenadora Técnica do Projeto de Orientação Sexual nos CEIs.

Uma experiência criativa

por Maria Cristina Domingues Pinto

Penso que com esta lúcida indagação a autora se refere aos “sonhos” de vigília, aquele “sonhar” acordada, consciente/inconsciente, que caminha na direção da realização de nossos desejos de forma criativa.

Algo que sempre chamou minha atenção em relação à criatividade, à inspiração (tal como os “sonhos”) é que chega não se sabe de onde, nem bem como chegou e por vezes irrompe inesperadamente em nossa fala. Se traduz em palavras.

Não há uma compreensão intelectual do que é criado, “sonhado” num primeiro momento. Parece surgir de uma intuição certa, mas fugaz, de um saber não pensado e na tentativa de capturá-lo pensado, se esvai como um sonho.

Faço essa introdução para contar a vocês o que foi mais significativo na minha experiência com grupo de EMEIs. Uma experiência verdadeiramente criativa, compartilhada.

Nos contatos iniciais com as professoras havia um clima entre apreensão e muita animação. Afinal estávamos todas ali reunidas para uma tarefa estimulante. Trabalhar sexualidade com crianças pequenas. Era um desafio! Para mim era o primeiro grupo de supervisão pedagógica em sexualidade infantil. Para as professoras coincidentemente se dava o mesmo. Apenas em direção inversa. Eu como supervisora elas como supervisionandas.

Aos poucos, sem que percebêssemos claramente, o clima inicial foi sendo substituído por um certo desconforto. Eu, em alguns momentos me sentia livre, criativa. Em outros, e esses predominavam, como se não estivesse cumprindo minha função de “ensinar” metodologia, discutir preconceitos, valores...

Conseguia resgatar involuntariamente, provavelmente para me acalmar, que o saber intuitivo da ciência, como todo processo criativo, brota da mesma fonte consciente/inconsciente e só num segundo momento é elaborado e recebe tratamento metodológico e teórico... Coisas assim surgiam e sumiam.

Me perguntava o que estaria acontecendo comigo. Comecei a vislumbrar que estava angustiada diante desta nova situação, diante de não saber como seria este sonho!

Nessa ocasião percebia nas professoras

**“Quem
dentre nós
estará a altura da
criatividade de
seus sonhos?”**

**Joyce
McDougall**

desconforto semelhante ao meu. Apesar do curso inicial, agora era o momento de “por a mão na massa”, “massa” de alunos, de pais “furiosos”, de colegas ressabiados para dizer o mínimo.

Frente a tais fantasias, a angústia gerada era enorme e toda sorte de escapismos surgiam: “eu não sabia que haveria supervisão... vamos ter que dedicar mais tempo?”

Projetos prontos, extensivos a pais e/ou à escola, logo no primeiro encontro!?

Persistência em desfocar o objetivo do trabalho com crianças, para professores e pais. Como se antes de mais nada precisassem torná-los “cúmplices”.

Tratei então de entender e traduzir essas resistências em “miúdos”, aclarando-as e acolhendo-as como fizera com as minhas próprias, para que fossem usadas a nosso favor.

Afinal certa dose de angústia nos impulsiona a pensar, a criar. Daí em diante, quando alguém saía do “prumo” podíamos ludicamente reconduzi-lo ao caminho pretendido, porém, (pela angústia) desviado.

Em outras ocasiões, eu sugeria que a melhor propaganda do trabalho de sexualidade infantil, juntos aos pais e professores era o melhor trabalho que pudessem fazer com seus alunos, mantendo o foco sempre neles. Assim, pelo êxito, aos poucos iriam “contaminar” novos aliados e não opositores.

Passado o período inicial, de estranhamento e reconhecimento do terreno, quando sentimos que ali a terra poderia ser fértil, um espaço de confiança, companheirismo e cumplicidade se instalou. “Nos demos as mãos” no sentido de com habilidades (escuta afinada, olhar perspicaz; para o novo...) e estratégias de intervenção (técnicas de dinâmica de grupo, discussões de vídeos, leituras de livros...) “subverteríamos” a ordem das coisas. À semelhança de um jogo as regras se estabeleciam. Onde houvesse repressão, supressão de idéias, haveria sexualidade. Transformada em acolhimento, simbolizada em palavras, diria o até aqui proibido.

Onde não houvesse compreensão, haveria observação, tolerância com nossa própria ignorância (aquela que tivemos com nossa angústia) até que com maior clareza pudessemos intervir.

CONTINUA NA ÚLTIMA PÁGINA

Maria Cristina Domingues Pinto é formadora do projeto de Orientação Sexual na Escola junto às EMEIs (Escolas Municipais de Educação Infantil)

Uma experiência criativa**CONTINUAÇÃO**

Seguem alguns exemplos:

– “Uma aluna de 5 anos passou a tarde com a professora eventual. Ela me disse que ficou muito constrangida ao ver a criança se masturbando, muito. Perguntei: Como assim? Ela disse que a R. ficou balançando o corpo na cadeira o tempo todo. Na minha observação nunca percebi nada. Pensei que podia ser pela minha ausência. A R. é muito apegada a mim. Mas, vou continuar observando...”

“Perguntei para o Charles porque estava triste. Ele respondeu que tinha apanhado do pai com fio de ferro, porque tava mexendo no pinto. Primeiro me deu uma pena danada... depois lembrei daqui e falei:

Vai ver que ele pensou que você tava fazendo uma coisa feia, errada.

Mas é gostoso!

Nós aqui sabemos disso e que não há nada de errado nisso, mas seu pai não pensa assim.

Percebia que com essa atmosfera fértil, de continência, reflexão e jogo, eu como parte integrante do mesmo, era estimulada e estimulava, ou mesmo despertava a criatividade de minhas supervisionadas, em suas narrações e na suas conclusões ou “insights”.

Estávamos penetrando e nos deixando penetrar, por indagações, experimentações, novas formulações para antigas situações, tanto nossas, como dos colegas. Seguíamos atentas contra a simplificação reducionista de sexualidade à sexo, contra tabus, preconceitos, dissociações entre teoria e técnica (meu medo

inicial), entre mente e corpo, enfim contra toda forma de cegueira.

Percebia que mais que uma epistemologia se produzia ali entre nós uma ética de liberdade. Transformando conhecimento científico, metodológico colorido pela pedagogia, psicologia e pela psicanálise em conhecimento popular acessível a todos que dele participavam. Fazíamos desta forma um congoçamento legítimo entre teoria, técnica e cultura através do brincar, criar participativo e compartilhado.

Era para mim extremamente prazeroso usufruir e aprender na companhia de minha “alunas”, e penso que com elas ocorria o mesmo. Via seus trabalhos frutificarem através de ações complexas e ao mesmo tempo sutis, onde muita criatividade e engenhosidade afetiva e mental eram necessárias.

Winnicott diz que o brincar é excitante em si mesmo, não porque envolve instintos, porém, pela magia que contém e pela intensidade das relações afetivas com quem se brinca. O brincar verdadeiro é terapêutico porque é criativo em si mesmo. Assim eu sentia! Através dele se experimenta e se controla a realidade, se distingue entre eu e o outro (“comigo não observei nada... mas vou continuar observando”). Enfim desenvolve a capacidade de pensar afetivamente, levando em conta o outro. É também através dessa liberdade para o brincar compartilhado que se desenvolve a capacidade para espontaneidade genuína e para o “sonhar” singular e criativo.

BOLETIM INFORMATIVO ESPECIAL é uma publicação do projeto de Orientação Sexual na Escola desenvolvido pelo GTPOS – Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual – para a Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura da cidade de São Paulo.

Secretária de Educação:
Maria Aparecida Perez

Coordenação do projeto:
Antonio Carlos Egypto (GTPOS)
Maria Cecília Carlini Macedo (SME)

Coordenação administrativo/ financeira (GTPOS):
Elisabeth Bahia Figueiredo

Coordenação do projeto nas creches:
Maria Cecília Pereira da Silva (GTPOS)

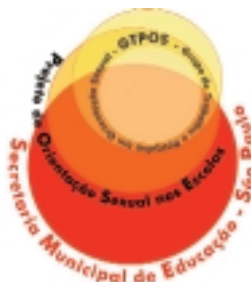
Equipe de apoio no GTPOS:
Ângela de Sousa Queiroz,
Célia Maria de Carvalho da Costa Ferreira,
Rodrigo Estramanto de Almeida, Sarah Atra e
Sila Maria Andrade Kolhy

Equipe de apoio na Secretaria de Educação:
Diana Mendes,
Isabel Cristina dos Santos,
Nadir Soares Monteiro e
Selma Auxiliadora Cordeiro

Jornalista responsável:
Nelma de Fátima Firmiano
(MTB 13582)

Edição de arte e desktop:
Moema Kuyumjian

Impressão:
PR Artes Gráficas
Tiragem:
6.000 exemplares



GTPOS
Grupo de Trabalho e Pesquisa
em Orientação Sexual

Fone/Fax (11) 3801.3691 3875.7244 3801.3434
Rua Bruxelas, 169 – Sumaré
CEP 01259-020 – São Paulo / SP – Brasil
www.gtpos.org.br